

## OPINIÃO

## CRÔNICAS E ARTIGOS

## Falta comando



**Jandira Feghali**  
médica e deputada  
federal (PCdoB/RJ)

O trabalhador assalariado, o autônomo, a empregada doméstica, a diarista, o motorista, o porteiro. A população que pega ônibus lotado, metrô lotado, que tá todo dia na ralação pra ganhar o pão. E eles, presidente? Quais as medidas para sobreviverem a este período? Com que renda?

Como ficarão os que moram nas favelas com seis, oito, dez pessoas no mesmo cômodo e sem janela, que dependem de transporte público, que não acham álcool em gel e, se acham, não conseguem comprar? Quais as medidas para impedir a ganância de alguns que insistem em ganhar dinheiro neste momento em que deve prevalecer a solidariedade? Nenhuma palavra? Nenhuma medida econômica de peso, digna, com proteção real do Estado em meio à pandemia de Coronavírus?

Para nós, há muito o que fazer. É preciso agir no plano econômico de forma mais contundente, com conhecimento da realidade e das condições de vida do povo. O governo segue inepto e sem medidas concretas, e as que anuncia são insuficientes e debochadas: corte de salários ou R\$ 200 para os autônomos? Quem não viu a a coletiva desastrosa no Planalto?

Devemos garantir proteção real e séria do emprego, dos informais, microempreendedores individuais, desempregados, mães e chefes de família, deferir os benefícios e acabar com as filas de espera do INSS que já chegam a um milhão de pessoas e do bolsa-família, que já chega a 3,5 milhões.

O decreto de calamidade pública, que surgiu a partir de muita pressão do Parlamento e da sociedade foi aprovado no mesmo dia pela Câmara dos Deputados. Ele permitirá o governo romper o limite da meta fiscal e gas-



**“Para nós, há muito o que fazer. É preciso agir no plano econômico de forma mais contundente”**

tar recursos públicos para combater a pandemia e injetar dinheiro na economia e no bolso do povo.

Nós, da oposição, estamos preocupados com esse cenário e caminhamos no sentido de, na próxima semana, apresentar um projeto que reúna propostas como tabelar os preços de produtos fundamentais de higiene, como álcool em gel e máscaras, dar proteção aos e às trabalhadoras (não menos que um salário mínimo), proteção aos desempregados, os sem teto, moradores de rua e vulneráveis, garantindo, sim, transferência de renda.

É preciso ainda a suspensão do pagamento de luz, de água, dar subsídio para gás de cozinha, sustar impostos para microempreendedor, alongar as dívidas bancárias, dar compensação para o setor da Cultura com linhas de crédito a juros zero e alargar a licença-maternidade.

O governo, por sua vez, precisa criar urgentemente uma campanha de conscientização da população, prin-

cipalmente dos jovens, idosos e grávidas, em cadeia de Rádio e TV. É urgente a generosidade e solidariedade neste momento! Quem não se sente vulnerável precisa entender seu papel de agente transmissor da doença, mesmo assintomático.

Também é preciso defender com unhas e dentes o Sistema Único de Saúde (SUS), garantir orçamento para atenção de saúde das pessoas, kits-diagnóstico, desenvolvimento tecnológico, UTIs e equipamentos de proteção. Palmas para todos os profissionais da Saúde, da pesquisa e da ciência que seguem como guerreiros neste imenso campo de batalha. São heróis da luta diária contra o Coronavírus - viva o SUS!

De resto, infelizmente, há muito o que lamentar. O governo federal, como todos viram, desprezou a gravidade da situação desde o início. O próprio presidente se comportou de forma criminoso e não alcança a dimensão que o cargo de chefe da nação exige. Falta comando.

## Terra, nosso planeta água



**André Esteves**  
secretário executivo  
do Instituto On-  
dAzul

O líquido mais precioso do planeta é fundamental para a existência de vida na Terra. Substância essencial para a biodiversidade terrestre, a água também é indispensável para a produção de alimentos, a manutenção da saúde, a geração de energia, os processos industriais, o transporte de detritos e resíduos e, principalmente, a nossa melhor qualidade de vida.

A água, diferentemente do que aprendemos na escola, não é um recurso natural infinito. Falamos de água potável, aquela própria para o consumo humano. Embora a maior parte da superfície terrestre seja coberta por água, apenas 3% dos recursos hídricos do planeta são água doce. O grande desafio que temos é compatibilizar seu uso, de forma consciente e responsável, reduzindo o desperdício, fruto do desconhecimento e da falta de políticas públicas de educação ambiental e da má gestão dos recursos hídricos.

O Brasil é um país de contradições ambientais. Mesmo concentrando cerca de 12% da água doce disponível no planeta, vivemos situações extremas de secas e enchentes. Em ambos os casos, pode-se dizer que são resultado das condições geográficas e da responsabilidade na gestão do uso da água. A dimensão continental do nosso território exige uma política eficaz para os recursos naturais, de modo que todos possam ter acesso ao saneamento básico, esgoto e água.

O Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 6 (ODS 6), proposto pela ONU, visa assegurar a disponibilidade e o manejo da água e do saneamento para todos até 2030. Será esta meta possível pelo andar da carruagem? O setor privado pode ser um grande aliado nesta conquista, pois nem sempre os governos sozinhos podem assumir esta responsabilidade e, muitas vezes, não possuem recursos técnicos e financeiros suficientes. É importante a construção de uma agenda de governança da água, engajando o setor privado, o poder público, o terceiro setor e a sociedade civil, de um modo geral, para viabilizar e promover o uso eficiente deste insumo fundamental a todos.

Um dos principais efeitos das mudanças climáticas é o aumento da intensidade e da frequência de eventos extremos. Em muitos locais as crises de escassez hídrica têm se agravado, com dificuldade de acesso à água potável cada vez maior.

A agricultura é o setor que mais utiliza recursos hídricos no mundo, sendo responsável por 70% do consumo da água doce. Consequentemente, a produção de alimentos é fortemente vulnerável tanto às situações de escassez, quanto às de inundações, ambas com tendência de agravamento com as mudanças climáticas.

Como se vê, não são poucos os desafios. Amanhã, Dia Mundial da Água, devemos refletir sobre a contribuição de todos para a melhoria das ações coletivas com o objetivo da universalização do acesso à água potável e ao saneamento básico, condições essenciais para reduzir desigualdades e caminhar em direção ao desenvolvimento sustentável.

## É preciso acabar com preconceito



**Israel Rocha**  
autor do livro “O  
Bebê com Síndrome  
de Down”

A síndrome de Down é uma condição genética que não é rara. Aliás, é a principal causa de deficiência intelectual causada por mutação genética no Brasil. Mas o que isso tem de especial? O que isso tem a ver com o que queremos conversar? Tudo! As pessoas com síndrome de Down durante muitos anos, e séculos também, tiveram seus direitos negados, negligenciados pela sociedade de modo geral que as via, e ainda as vê, como eternas crianças, como pessoas que não podem realizar determinadas atividades, como pessoas incapazes, como tendo sexualidade aflorada, dentre uma série de mitos que devemos desconstruir.

Ora, quem disse que todo mundo é capaz de realizar as mesmas atividades ou as mesmas coisas que todo mundo? Tenho um amigo que não tem síndrome de Down e que tem pós-doutorado e não sabe andar de

bicicleta e nem nadar. Entretanto, conheço pessoas com síndrome de Down, já que venho estudando essa síndrome há alguns anos, que não só sabem andar de bicicleta ou nadar, como também fazem faculdade, se formaram, trabalham em atividades profissionais que requerem conhecimentos científicos elaborados, dentre uma série de ações.

Basta acessar a internet para achar muitas pessoas com essa condição síndrômica que estão no mercado de trabalho, concluíram cursos superiores, são atores/atrizes, namoram, casam, viajam, ou seja, têm uma vida comum como qualquer outra pessoa.

O dia em que se comemora o Dia Internacional da Síndrome de Down, 21 de março, é uma ocasião que nos faz refletir que apesar de muitos avanços, ainda permanece enraizado no seio da sociedade um ranço muito grande em relação às pessoas com deficiência. Parece que essas pessoas não podem alcançar níveis superiores de desenvolvimento.

Mas o que esperar de uma sociedade que ainda vê mulheres, negros,

**“Quem disse que todo mundo é capaz de fazer as mesmas atividades ou as mesmas coisas que todo mundo?”**

gays, com olhares enviesados e preconceituosos? O preconceito é uma construção social. Vencê-lo é um processo de transformação cultural, histórica e social muito difícil, uma vez que incide sobre o modo como enxergo o outro e se esse outro é mostrado pela mídia como tendo um único padrão estereotipado de “beleza e normalidade”, romper com isso é muito difícil.

Mas, as pessoas estão mudando. As pessoas estão lutando por seus direitos. As pessoas estão saindo do lugar comum e buscando outros espaços para se mostrarem como elas são, e é isso que é legal: ser você na diversidade. Assim, mais uma vez, e quantas forem necessárias, lutamos e lutaremos para que o preconceito seja vencido.

Para que pessoas como as que têm síndrome de Down, por exemplo, possam ser vistas pela sociedade como cidadãs de direito, como pessoas que possuem uma característica que as tornam diferentes. Mas aí pergunto: somos iguais? Não, somos diferentes! E é essa diferença que faz com que sejamos únicos em nossa existência.

**O DIA** DISQUE REDAÇÃO: 2222-8069 E 98921-1888

ASSINATURA E CENTRAL DE ATENDIMENTO AO LEITOR: 2222-8600

**PRESIDENTE**  
Luiz Alberto Albuquerque

**DIRETORA DE REDAÇÃO**  
Carla Alves

**EDITOR-CHEFE**  
Alexandre Medeiros

**DEPARTAMENTOS:**  
**Agência O DIA:** E-mail: agencia@odia.com.br. Venda de fotos e textos: 2222-8021, 2222-8560 e 2222-8265  
**Fax Diretoria:** 2507-1038

**Parque Gráfico:** 3891-6000. Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfica **Gerência Industrial:** 3891-6002 **Gerência de Circulação e Logística:** 3891-6005  
**Preço de venda em banca:** RJ, MG, SP e ES: R\$ 1,50 (dias úteis) e R\$ 3 (domingos). Distrito Federal: R\$ 3,60 (dias úteis) R\$ 4,40 (domingos). Demais estados: R\$ 4,20 (dias úteis) R\$ 5,10 (domingos)

**Exemplares atrasados:** Capital: Preço de capa - Demais localidades: preço de capa + postagem. Mais informações: Tels: (21) 2222-8086/2222-8136 - Central de Promoções - Av. Dom Hélder Câmara 164 Benfica, (Parque Gráfico O DIA) - das 9h às 17h.

**São Paulo:** Avenida Irajá 300 - Sala 306 - Indianópolis. CEP: 04082-000. Tels: 11 94704-2393 / 11 99623-7645 / 11 99973-8313

**Brasília:** Tel: (61) 98112-2227.

**Promoções:** promocoes@odia.com.br

**Classificados:** 2532-5000 - De 2ª a 5ª das 9 às 18h e 6ª das 9h às 19h. Todos os cadernos de classificados somente circulam na cidade do Rio e no Grande Rio.

**Anúncios de Noticiário:** 2222-8338 / 2222-8631 / 2222-8388. Anúncios para o Interior: 2222-8279 - Negociações com agência: 2222-8388 Outros estados: 2222-8279 - De 2ª a 6ª, das 10h às 18h. Atendimento ao jornalista: 3891-6012 - De 2ª a 6ª, das 8h às 12h30 e das 13h30 às 17h.

**Editora ODIA LTDA.** Rua dos Inválidos 198, 2ª andar, Lapa - CEP: 20.231-048 - Rio de Janeiro - RJ.

**ODIA** é filiado ao Instituto Verificador de Circulação (IVC).